

Da língua a contar à boca do conto *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa

Marcus Alexandre Motta*
Gloria Regina Amaral**

Resumo

Esse texto propõe uma leitura de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, como aventura de travessia da língua portuguesa. Nesse sentido, uma travessia na história da língua é aqui pensada como condição humana que retroage à ideia de que a língua das histórias, de Riobaldo, por exemplo, existe como um balanço de sua espécie linguística; isso que tem a ver com um saber cúmplice à arte de contar; pois quem se destina a contar atravessa, corta, fura espaços e tempos, a partir da conspiração do destino do ato de contar. Nesse sentido, o texto reconhece um modo de ser independente como apresentação da vida como um parir mundo, mais ou menos lutuoso – como se houvera maneira de tomá-lo, o que humanamente equivaleria desejá-lo. Quer dizer, contá-lo na boca, dar início, começo, à voz que a língua é.

Palavras-chave: Língua. Linguagem. Narração. Conto. Guimarães Rosa.

2

“Nonada”, assim começa o imenso conto (“não, não sou romancista; sou um contista de contos críticos”, Guimarães Rosa). Inicia-se, então, no modo de uma palavra com crônica, mas sem registro. Uma palavra que como fato bruto empeneha a sua sonoridade, sua descoberta, digo, encontrada, armazenando o fluxo da arte de contar. Nada demais, basta mantê-la singular e, portanto, só, como Riobaldo a falar. É a palavra que faz a rotura, após o silêncio, vindo depois dos “tiros – o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja” (ROSA, 1994, p. 3).

Há de não escassear a intumescência na entrada nas páginas, não é? Por quê?

* Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Contemporânea e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

** Mestra em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Porque há uma travessia na língua, uma travessia da língua, uma aventura em descobrir a fonte do sentido do mundo, como algo independente, como algo que, aparentemente, se submete ao que se pode contar dele e não pode ser, por conseguinte, representado; reproduzido, talvez. Uma travessia na história da língua como condição humana que retroage à ideia de que a língua das histórias, de Riobaldo, por exemplo, existe como um balanço de sua espécie linguística; isso que tem a ver com um saber cúmplice à arte de contar; pois quem se destina a contar atravessa, corta, fura espaços e tempos, a partir da conspiração do destino; algo ditado – “o destino da gente às vezes conversa”, sussurra, explica, até pede para não se atrapalhar o devido, mas ajudar” (ROSA, 1994, p. 568).

Destino que é como um livro, uma antiquíssima ideia, no qual há o ditado como condição. Condição essa que significa que a língua atravessou, digamos, o Atlântico, como se o seu propósito autêntico fosse contar ou ser contada, formando aquela voz com a qual decide contar, em luta com a linguagem, o “nada” maior da predeterminação, providência, cálculo, predisposição, fortuna e necessidades de dar provas de haver experimentado coisas e as experimentasse, novamente, de um modo particular.

Tudo isso porque a língua atravessou, redescoberta como está na boca de Riobaldo, cuja aventura, aquela mais próxima de qualquer um de nós, é que não há outro lugar a buscar que não seja

alguma coisa erguida e posta ao chão, conjuntamente, sem saber se nossa presença significa povoá-la. Alguma coisa como página, “sertão”, ou “vida”, pela qual se atravessa, se é atravessado, furado e remendado no ato de contar – “Esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas perdas e colheitas. Mas conto. Conto para mim, conto para o senhor. Ao quando bem não me entender, me espere” (ROSA, 1994, p. 198).

2

Há de distinguir, porém, a curva balística: “Alvejei mira em árvores no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade” (ROSA, 1994, p. 3). De Riobaldo e o seu hábito esperasse a boca revolvida, a falar, enquanto crepita a língua e ecoam as notas das cordas nos nossos ouvidos.

Vejam bem, é de boca se abrindo, se fechando, com uma língua ali por dentro a se mexer, do que se trata aqui (uma primeira reflexão de pesquisa em andamento). A língua, nesse português nosso, é, todos sabem, esse órgão muscular móvel, sentindo sabores, deglutindo e articulando sons; um sistema de comunicação para além das regras, um linguajar; maneira de falar ou escrever, ou se referir a si ou a alguém. Enfim, dar com a língua nos dentes, com certa singularidade e, eis, a boca de Riobaldo a expelir.

Riobaldo a dar com a língua nos dentes, após atirar. A sequência simples é migalha do que não seja a transição

metafórica do fechado ao aberto e vice-versa. Elementar boca a se larguear e a se cerrar momentaneamente, logo depois dos olhos se desviarem da mira. Pouco inusitado – qualquer um irá concordar. Contudo, aquela língua se faz em articulações. Faz-se em curvas, em desvios, com interrupções, com bloqueios, esticando-se e se contraindo, enrolando-se até o risco de sufocar. Queira que não falte ar e que, tal fato, penetre escutas.

“Nonada”, o ritmo da palavra é imitativo de posições ordinárias da boca. “Nonada”, portanto, parece querer bem a careta sorridente de qualquer alguém. Eu aqui a ouvi-la, com os furos hiantes na medida daquela boca, substituindo a audição de alguma pessoa como se pudesse me colocar numa posição de receptor de uma anatomia, contando com a minha. Tudo a ter figura vestibular, não é? Sem hímen, vulva fendida, como antecâmara pseudofisiológica na entrada do imenso conto – em dezenas de aparições e de derivações desta palavra, que encontra apenas similaridade de repetição com a palavra boca, ouvir, mão, olhos e mais algumas; é de buracos que se faz o que se conta, contando com as cavidades, realizando-se nelas e se perdendo ali – “viver é muito perigoso” (ROSA, 1994, p. 62).

3

Alojados já estão. Riobaldo a parir-se. O doutor a esperar; e mais um: eu ou alguém a ansiar ser engendrado pelos ouvidos. Pela cavidade da garganta sai

o que viola a boca de Riobaldo, ao pôr sua língua em movimento, colocando as palavras dentro das escutas alheias. Acontecimento? Sei lá? Isso eu apenas suponho como haver o desejo de buracos nas palavras – parte de um e busca outro, vem urdido a partir deste e sai cru naquele, conforme as janelas cerradas ou abertas em cortinas. Pois, a boca conta, contando a impugnação entre dizer e mostrar.

A língua bate nos dentes e lança suas torções às acúmenes dos lábios. Esta há de se comunicar, consigo mesma, na mesma palavra que é a palavra com a qual se faz e dita a si e todas as outras, ao se mover dentro da boca e a ameaçar algumas vezes por um pedacinho do lado de fora – para ficar antes ou depois dos olhos. Mas a voz de Riobaldo torna-a vista. A língua, ei-la só na boca, quando a voz abre o idioma sonoro e o empurra nos ouvidos de quem está por ali, em movimentos “nonadas” das cordas por trás dela, ou de qualquer outro, sinalizados naqueles lábios que chegam a verbo suplicante na cavidade alheia (já que não há especificamente um aparelho fonador).

A Língua, então, é caso a parte. Surge já no frenesi da notícia:

Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser – se viu –; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beijos, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. (ROSA, 1994, p. 3).

Riobaldo não leva a boca para ver a carranca da esfinge. Empresta as armas e se vê naquele comentário do escutado, tornando-se senhor daquela simbolização – apresentando-a no como se conta, por ser, aquele nascimento ímpar, a passagem que acelera a língua, fazendo-a comichar de perguntas, arrebitando os beijos, troçando dos olhos.

A polissemia possível do caso é tão capital que dificulta a decifração. Porém, a boca de Riobaldo guarda a sua leitura indispensável. Assim se dará o grande conto. Se a animalidade ímpar comunga a intenção narcotizada na ponta da língua, como um cano de espingarda, é porque duplica o intermediário que a língua terá que dar conta quando se puser como matéria a contar na boca.

Esse intermediário, entre o mal e a natureza, são os riscos que a língua cruza, manifestando, constantemente, às situações derivadas daqueles entes e fragmentadas por ela. Prontamente, haverá a língua de atuar, circunscrevendo o paradoxo copioso da arte de contar. Se nada pode esquivar-se à experiência da passagem do e no mal, e da e na natureza, também nada mostra que esses entes atuem como se a língua subtraísse alguma coisa que não fosse ela mesma, a língua – “mal ou o bem, estão é em quem faz; não é no efeito que dão” (ROSA, 1994, p. 130).

4

Os casos, todos eles, quem sabe, ao longo do grande conto, surgidos do mal ou da natureza, nos quais a boca vibra

em gestos, acumulando, atirando, não são capazes de separar o transcendente ato de contar do cotidiano vivido. O pretérito da vida é atido em gosmas de memória e, imediatamente, atirado em palavras, como balas em alvo esquivo. Eis a autoridade da boca, reinando na voz, por haver a escritura fonética a dar matéria para bigorna, martelo e estribo, antes de cair no labirinto de ouvidos outros.

Não há, portanto, obrigação de elucidar a generalidade intrusa das palavras de Riobaldo, em razão de serem nascidas na boca particular, tomando-as na consistência de experimentá-las na língua. Então, no que é que consiste a língua Riobaldo?

Certo contexto, direi. Um no qual ele não perde a voz. Antes a satura e sutura vivaz, entre a boca e os nossos tímpanos, eleitos pelo estalido silente da leitura. Riobaldo fala, aberto, o mudo, suplicante, e, nós, o escutamos fulgentes. Conta, conta, ao beber da fonte que escapa à análise, sendo o antídoto do veneno da nossa oportuna língua.

Isso quer dizer que ele não se esquece de fazer valer o antídoto? Não sabemos. A boca parece não deixar dúvidas dos goles que toma e expulsa enquanto muito fala: “Tudo conto, como está dito. Não gosto de me esquecer de coisa nenhuma” (ROSA, 1994, p. 579).

5

A língua se movimenta muito, mesmo que por muitas vezes tenha algumas dúvidas sobre aquilo que acaba de contar;

um problema de ouvir a própria voz, sem poder controlar a boca. Mas a questão é que ele, Riobaldo, encontra-se consigo ao falar, chegando antes de receber, ou de dizer, o seu nome – situação análoga à precedência da linguagem, atuando e impondo a desconfiança de que é ela que nos fala ou somos nós que a falamos; contudo, não duvidamos nunca da boca que articula.

O Língua, Riobaldo, glosa aquele duplo cenário da linguagem. Interpreta, aceitando a individualidade ou a individualização da diferença; falo: separação da língua numa língua. Isso procria um modo de ser independente, apresentando a vida como um parir mundo, mais ou menos lutuoso – “como se houvera maneira de tomá-lo, o que humanamente equivaleria desejá-lo” (CAVELL, 2002, p. 66). Quer dizer, contá-lo na boca, dar início, começo, à voz que a língua é.

6

Intérprete de si mesmo, como Hamlet, Riobaldo, O Língua, conta a própria história ou ela conta a língua – isso por muitas vezes não se oferece em respostas. Voz a exibir o nascimento da boca nas travessias das histórias contadas, alinhavadas frouxa e resistentemente, como os movimentos dos beijos, cuja figura, a língua, ou a cena da linguagem lida, é a recuperação autobiográfica que se coliga à sedução enrolada, disposta, atirada, provocada, adiada, adiantada e expelida nas orelhas; havendo muito trabalho por lá. De fato, a marca da ausência de linearidade na ordem do

contado se dá pela provisão fecunda e atraente das palavras da boca: “O senhor por ora mal me entende, se é que no fim me entenderá” (ROSA, 1994, p. 191).

7

A saliência das interrupções do contar de Riobaldo instila chegar rebatido de um dos lados da herança de uma língua que atravessa. Ora, somos ou não somos herdeiros de uma língua que atravessa? Havemos sempre que nos remeter a essa evidência por sermos a maior largura dos cascos de uma embarcação histórica (boca é também a maior largura do casco de uma embarcação).

Evidência essa relegada à insignificância, embora tenhamos, continuamente, teimado sobre a singularidade das bocas por aqui. De fato, é importante decidir: ou admitimos que a língua portuguesa fez a travessia, e nisso fica explícito o valor do atravessar, romper, penetrar, entrar, cruzar (contar, portanto), ou, então, façamo-nos de desinteressados e só nos caberá querer urgir uma reforma (todos sabem o que eu desejo dizer com a última sentença).

A língua, herdeira da travessia, é um apelo ou abordagem. Uma forma de dar conta da herança, parindo-a na boca, como se o real estivesse no útero da linguagem. Logo, um tipo de desobediência à escalada, ou transcendência, para poder possuí-la transversalmente e se sentir imaginando uma forma de vida falante, como uma boca, contando-a num “mire e veja”.

A língua atravessa o Atlântico e peripetra a travessia, do litoral para dentro, numa terra nova ainda inabordável, para usar uma expressão de Stanley Cavell, e, inelutavelmente, redescoberta de contínuo (algo que não podemos ouvir falar; embora nossas ações não deixem nunca de cumprir o destino do verbo redescobrir, atuante como achar ao longo do conto). Então, quem sabe se O Língua não é uma maneira de conversão, e conversão, “é girar sobre os próprios passos, reverter, o que parece ser uma questão de descontinuidade” (CAVELL, 1997, p. 90).

A saliência nas interrupções do contar arremessado da língua de Riobaldo conta contando como se atravessa a língua ao contar. Conta contos contados e a contar, contando, cuja travessia a língua faz na língua, que é a nossa, portuguesamente, nessa terra aqui cortada sempre por ela mesma.

À maneira de um legado, a língua aproxima-se, concebendo-se no indireto, como as navegações portuguesas, e, desse modo, aprende com o já passado, estabelecendo a fundação sem fundador, apenas a boca como o chão, no qual o domínio é comum, é de domínio comum da língua. Vítima, portanto, da expressão da língua, como língua, cuja história é toda e qualquer parte na qual Riobaldo se encontra e não se acha a contento. Destino, portanto, da própria travessia.

Sempre sei, realmente. Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pelejei para achar, era uma só coisa – a inteira – cujo significado e vislumbado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver – e essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteador, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto; mas, fora dessa consequência, tudo o que eu fizer, o que o senhor fizer, o que o beltrano fizer, o que todo-o-mundo fizer, ou deixar de fazer, fica sendo falso, e é o errado. Ah, porque aquela outra é a lei, escondida e vivível mas não achável, do verdadeiro viver: que para cada pessoa, sua continuação, já foi projetada, como o que se põe, em teatro, para cada representante – sua parte, que antes já foi inventada, num papel... (ROSA, 1994, p. 693-92).

9

Os exageros da língua é um tributo individual aos sons das palavras, como se isso fosse o modo de Riobaldo de agravar a ansiedade no ato de contar, por meio de um efeito “de repetir-se e esperar e falar ao ar” (CAVELL, 2002, p. 67). É esse o naípe que penetra e rasteia, ou persegue escutas, sem fundar escola, cuja parábola da possibilidade e da abundância do encontro com a boca, aos pés dos nossos ouvidos, permite a apropriação inventiva da língua, ouvindo-a, redescobrimo a voz resultante e, em consequência, podendo sofrer a ameaça pendente de não escutá-la bem, ou não acolhê-la na sua distinção, ou não reconhecê-la como

travessia linguística que a língua nossa continua a fazer – “Viajar! – mas de outras maneiras: transportar o sim desses horizontes!...” (ROSA, 1994, p. 555).

10

O Língua trama ali, no grande conto, sem jogar com o encadeamento. Mais do que isso, ele atira o encadeamento nos nossos ouvidos, tramando. Não há de esquecer que “tramar é antes de mais furar, atravessar” (DERRIDA, 1991, p. 30) – novamente essa palavra. Eis o tempo cavo, uma espécie de vazio exaustivo do atravessar no ato de contar, o que faz Riobaldo continuar, conforme o frenesi da língua.

A língua cunha o mesmo quando diz do outro: “Quem entende a espécie do demo? Ele não fura: rascrava” (ROSA, 1994, p. 701). Não é à-toa que o primeiro nome daquele que ele diz não crer é “o que-diga”. Um bocudo, pois não? Ele é aquele que não consegue estar com a língua dentro da boca, lambendo sordidamente o inesperado e o vulgar mal que se exercita sobre, na, por dentro, por fora, da natureza; o contrario é: “Uma beleza de traiçoeiro – dá gosto! A força dele, quando quer – moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre (p. 25).

“O que-diga”, ele e um pouco dele em cada homem; um sêmen germinante. Mas ele “não há! É o que digo, se for... Existe é homem humano” (ROSA, 1994, p. 875). “O diabo na rua, no meio do redemunho (p. 885). Essa é a questão

maior. Questão das mais ameaçadoras a qualquer tipo de acordo que cremos que a língua possa cumprir. Questão esta que torna insano os próprios pressupostos de sua atividade comunicativa, ou seja, “tudo é e não é”, indistintamente, na palavra única, língua, na palavra própria, a língua – “maravilha, viramalha!” Riobaldo, destarte, é esse que se aponta no “ser/fala/em toda a parte e sempre/através/de toda/língua” (DERRIDA, 1991, 63).

11

“O sertão está em toda parte” (ROSA, 1994, p. 4). Porém, nada há que me acaricie e me faça desejoso em decifrar a palavra, pois ela é “sem lugar.” Basta intuir, quase instintivamente, que se atravessa nela, com ela, por ela e se aboca com ela, cortando, penetrando pela mesma ao longo das histórias que Riobaldo conta e, correlativamente, o leitor, ou ouvinte, é obstruído por ela, conforme a natureza da língua realiza o cruzamento; “a gente ia investir o sertão, os mares de calor” (p. 422). Aqui basta o que é, “sertão: querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem” (p. 541). E quando se suspeita que chegou, é uma pergunta feita ao velho, negro e cego Barromeu; “você é o Sertão?” (p. 850).

A palavra garganteia e cai para além do peito. Isso pareceria de pouca importância. Creio que possa ser. Porém, o som da palavra é algo que faz comparecer a voz que ataca, arranha, atravessando, de um lado para o outro, o espaço que erige em nossos antros de escutas. Palavra

que, na “travessia” até a queda, aponta a presa interior dos nossos sentidos, como um segredo ressoando na língua – “sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...” (ROSA, 1994, p. 719).

“Sertão”, essa relação fônica de O Língua, está entre o sensível das palavras e o inteligível no que conta, determinando-se como a expressão cultivada entre o por trás e o que se põe fora da boca – “porque bebi de mim – esses mares” (ROSA, 1994, p. 723). Seu som é o falo feito na passagem da garganta ao para além do fundo do peito, arrastando em suas paredes, guardando em si, no ar da sua existência, a caverna que está por trás da boca a mexer.

12

A voz de Riobaldo a se ligar, como se tivesse uma pedra (palavra exaustivamente repetida) no pescoço, à profunda ideia de uma história da língua a ser contada, lá no escavado da nossa linguagem à portuguesa; ou seria a língua a contar com as cavidades que se ligam no baixo da história? Lá, no fundo, ou no baixo mundo, a língua que é a nossa conta a condição afortunada de sua experiência. Experiência esta que reside na fatalidade da travessia, promulgando o enigma da boca, cujo mistério é o duplo do tronco, dos dois lados do Atlântico, que mede fascínios e contendias entre a grande passagem, equilibrando a obliquidade de sua natureza, revelando a vida de O Língua na partida, chegada e abandono

de outra língua, garantindo a alteração provocada pela travessia das coisas, abandono de algo, por algo e a algo.

13

Há na língua de Riobaldo o iterado de desiguais modos: “travessia – do sertão – a toda travessia” (ROSA, 1994, p. 719). Algo que mostra a língua aberta na travessia alentada e exausta, a chegar aos ouvidos, partindo da boca e abandonando-se no rumor da própria travessia que faz das coisas quando as fala. Dessa maneira, o contado por Riobaldo é a extensão da sua fala forte em transversalidade, como intervalo notável, por estar escrita, equivalendo a uma reconstituição descontínua do “Que-diga”, uma autobiografia, a brotar na boca-personagem.

14

A língua de Riobaldo não cansa de decidir e fazer aparecer novas personagens, enquanto atravessa contando o seu contar, como se fosse imperativo contar ao “estrangeiro”, o Doutor, ao pé do ouvido de todos nós, o chegar, o partir e o abandonar-se ali, no “sertão”, sondando o no imediato em que diz: o “sertão” não é desértico e nem está prontamente em algum lugar. Logo, há o aspecto demonstrativo da precisão humana da busca por lugar revolvido, como as palavras, e, ao mesmo tempo, o episódio histórico da migração da língua em humanas figuras como tais – uma maneira de alojar-se, ou nascer, como motivo autobiográfico, ou abandono como perfil do desejo de

partida, seguindo adiante sem sequer ter chegadas que não sejam interrupções momentâneas, descansos para respirar e pedir o fim.

15

Espaçar conversa, contando, é a forma de Riobaldo arriscar (ou riscar) o contar, pondo-se a falar, dando conta da intensidade, dos volumes, das proporções e dos ritmos das experiências contadas. Relatar, por conseguinte, o nada; já que passou. Aquilo que provoca a língua a bater nos dentes. Por sinal, que língua? Sem rodeios, o português transverso de Riobaldo.

A língua, que fez antes a travessia, de tantos mares, encontra no fato um gênero de destino ou fado. Bem, “Quem muito se evita, se convive.” Quem? A língua? É isso que você tem a dizer? Poderiam perguntar.

“Que-diga”, nada há de mais histórico que isso: a travessia da língua não para de atravessar, saindo da boca que não para de falar, de lado a lado. E como tal, um “Quem”, um: “Que eu vi, sempre, é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo” (ROSA, 1994, p. 245).

Transversa a língua, pensada língua em rumo, “Quem” é quem a diz, Riobaldo, O Língua. Ele está à borda da língua, com uma boca que aperta as palavras, isolando-as ao contar, momentaneamente, e, ao mesmo tempo, sublinha as suas presenças, mascando-as distintas para pôr fora na voz: “O que é pra ser – são as

palavras! Ah, porque. Por quê?” (ROSA, 1994, p. 60). Porque o porquê se diz para topar pacto. Hermógenes “Que-Diga!”

16

Enfiada esteve a dúvida no contar, ao longo do grande conto. Embocada no ato para se proteger do fim: “Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi” (ROSA, 1994, p. 863). Pois, existir tem algo que se diga e a quem a ouviu dizer cabe o ônus de saber um pouco mais. “Que-diga”, então!

“Que-diga é imprimir pasmos da língua, fazendo com que se deslumbre a possibilidade de atingir a cultura da travessia (eis uma imensa necessidade que nos ensina o grande conto). Para considerar tudo na boca, como história da língua numa língua de histórias – “Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção” (ROSA, 1994, p. 134).

17

Língua de histórias é a boca com um arlequim de casos, sem ligação, nem causas assinaláveis, contanto com um sentimento antimundano por natureza; o amor por Diadorim. O arlequim de casos está na boca antes de se abrir, de uma vez por todas, provocando a articulação dos sons da língua, na língua, entre os dentes, tocando o céu que só pertence

ao homem e, por conseguinte, partindo, da região da partida, a boca, dividindo situações, ramificando casos, injetando sílabas, florescendo como outra língua, sendo a mesma, esquivando-se do fim, engendrando notícias, repartindo dores, reproduzindo sensações, separando-se de si, parindo o que foi e é sempre, a voz de O Língua, em imensa abertura que tudo engole quando, e enquanto, se atravessa para depois cuspir segredos – “quem sabe o que essas pedras (ou palavras) em redor estão aquecendo, e que em uma hora vão transformar, de dentro da dureza delas, como pássaro nascido? Só vejo segredos” (ROSA, 1994, p. 806).

18

Ora, a língua que se mexe tanto para contar o condicionado – “o sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca” (ROSA, 1994, p. 285) – não pode traduzir a si sem a sensibilidade da partida. Isso quer dizer que o “sertão”, boca também, come as partições do nada, para que do nada, donde nada vem, possa vir algo excessivamente evidente, da qual, por transpasse absoluto, surge ininterrupto o nada maior que ali está e parte sempre, atravessando, cortando e, indiretamente, participando e se separando: ela, a língua de Riobaldo.

É isso que permite a O Língua constanciar-se no “eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada” (ROSA, 1994, p. 28). A língua é o que pode atravessar as coisas, remetendo palavras com a voz

que as cospes no que dita. Ditá-las, porém, na primeira pessoa parece o plano particular de um *eu*.

Mas o eu é a boca. A boca que passa antes das orelhas, provocando ousadias do aceitar ou não aceitar. A boca que fala, “eu atravesso as coisas...”, saliva a estripulia da voz de Riobaldo. Isso é o mesmo que dizer que o tino da voz da boca se arranja ao suspender os motivos para o juízo. A incapacidade de prova de sua especificidade parece, até por ser contada, uma atenção à voz da língua no “sertão” atravessado, cortado e recortado no conto, e inteiro quando a língua tenta defini-lo, como se descobri-lo fosse provar a existência daquela voz de Riobaldo, qual som mesmo da travessia da língua.

E o que se pode ainda dizer com isso? A primeira coisa que vem à mente, numa rápida pegada de sotaque, é haver a retidão em sulcar a frase da boca nas adjacências de uma execução: “eu senhor de certeza nenhuma” (ROSA, 1994, p. 501). Execução que ajeita a descoberta da travessia da língua – um quase benefício inviolável e natural de atravessar as coisas, sem tê-las, distinguindo a linguagem como transversa. Uma ação capaz de pôr em turnos o contar, conforme se manifestam as figurações, refigurações e recordações das posições do andamento transversal, seguindo o ir e vir das palavras da boca.

19

Sendo a voz da língua a situação de uma linguagem resultante da travessia, nos nossos ouvidos e pensamentos, nos

sertões sem mais, a forma de *vida* que O Língua nos dá como testemunho é: onde quer que boca esteja, os ouvintes estão a receber o que ela atira. Caso isso assim não fosse, como poderíamos escutá-lo tão sonoramente quanto dizer: nosso? Mas será que o ouvimos mesmo? Contudo, é isso o próprio do “eu atravesso as coisas”, pois ao dizer, a boca, conjura o presságio de que se deve aceitar o abandono: “Eu atravesso as coisas...”

Bem, se ele, Riobaldo, atravessa é por que mostra caminhos, *veredas*, pelo qual nenhum de nós jamais pensou em passar. Tal abertura de caminhos, ou bocas paisagísticas, já é a busca da boca por maneiras de não se sentir nem um pouco acanhada em pronunciar, diria atirar, palavras aos ouvidos, renunciando a calar e promovendo a língua: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1994, p. 85).

Então, a Língua, atravessada como é, se abandonando e chegando aos buracos dos ouvidos, é uma região de partida, a boca, que empenha a separação e a participação, incluindo, literalmente, o vocábulo parte. Vocábulo este que se expõe em palavras de ressalva, tais como caminhar, afastar, compartilhar, acompanhar, e, por suposto, executar ou fazer uma partida.

20

A boca vem destrinchando filosofia num mundo sem mundo, ainda bastante natureza. Algo animália que enuncia que há de se fazer alguma coisa, já que

eles, Riobaldo e todos eles, quem sabe se também os que escutam a boca, foram trazidos e privados de razões de fins para não gostar de loucura – “A gente viemos do inferno – nós todos – compadre meu Quelemém instrui. Duns lugares inferiores, tão monstromedonhos, que Cristo mesmo lá só conseguiu aprofundar por um relance a graça de sua sustância alumiável, em as trevas de véspera para o Terceiro Dia. Senhor quer crer?” (ROSA, 1994, p. 61).

Desse modo, o *sertão*, seja lá o que isso quer dizer, a boca, o acolá das palavras de Riobaldo, é a região da vida, a forma do abandono, da travessia, cujas partidas e chegadas são sentimentos que aparecem como presságios para a ideia do sem-nome. Sem-nome – “Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome” – é o onipresente “Quem-diga”, nele há o que nos homens não deixa de haver – “o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos” (ROSA, 1994, p. 7). Motivo de contar, ou atravessar, ou cortar a língua, contar a língua, pois não?

Motivo que promove a sucessão de casos de memória, sem o direito de dizer que a vida há de ter memória. Porém, aquilo que é dito na coexistência de outra coisa, também dita, ejacula, expele de todos os modos, uma causa mais profunda, ou no raso máximo da superfície:

Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente

perdidos no vaivem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor [...]. Dor não dói até em criancinhas e bichos, e nos doidos – não dói sem precisar de se ter razão nem conhecimento? E as pessoas não nascem sempre? Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento. Medo mistério. O senhor não vê? O que não é Deus é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo. O inferno é um sem-fim que nem não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo (ROSA, 1994, p. 77).

21

“Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas. No senhor me fio? Atéque, até-que. Diga o anjo-da-guarda...” (ROSA, 1994, p. 22). Fala O Língua. Fala a mimetizar a vida da separação, por que conta, e quem conta se separa, partilha e se atravessa. Fala como se o seu corpo estivesse enterrado na voz da travessia. Fala sem ter em conta, contando, os investimentos sexuais dos buracos com que conta, por toda parte e sempre, boicotando fortemente as aberturas auditivas. A voz da boca força a membrana dos tímpanos, de maneira tão oblíqua que se adéqua à obliqui-

dade do canal auditivo, aumentando a vibração e reconhecendo a tardividade dos espermas que correm nas vaginas, as orelhas, como entendiam os Dogons de Mali.

22

É da figuração de vulvas que a boca, como uma, o *sertão* como outra, precisa – a “A boca da noite, boca da ponte, boca de lado a lado, como onça com cria, boca das ruas, boca de dor, boca de ruindade, boca forte, boca dos perigos, boca cheia, boca morta, boca alargada, boca de estrada, boca da bota, boca vencida, boca mole, boca de tantas armas, boca em risos, boca no chão, boca do forno, boca amarga e doce, boca do boi, boca de amor, céu-da-boca, boca cheia de cuspes”, etc. É dela que poderá dispor das marcas, que o contar também é. Marcas de inícios, de partidas que precisam, necessitam, urgem, carecem das bordas que aludem estar fechadas e, no toque da voz, do falo, abrem-se, vibram, e recebem ou expõem a partir do “cabo da língua,” apropriando-se, concebendo, qualquer abertura com atitude de parentesco, engendrando e internando, previamente como um cuspe, o processo de sua expropriação.

23

Há de cravar em língua, O Língua *rascrava*, abafando os buracos, interditando pancadas do exterior, pois a boca não para de falar. A língua na boca é a estranha e singular propriedade do contar que se organiza no disparate de atravessar, tecendo, furando seria

melhor, *rascravando*, melhor ainda, a representação, de tal maneira que o exterior da fala, a voz, não seja o seu externo, pois este não surpreende nunca a boca, que por heteronomia, discorre ainda com o “subterrâneo do seu autismo” (DERRIDA, 1991, p. 17).

24

A boca guarda a vida da travessia como seu destino de vulva a cuspir o seu próprio, assegurando o movimento fantasmático dos beijos superadores da reapropriação da biografia. Deixemos passar o “Quem-diga” no seu singular limite que não é ele, por que não há e por isso reina na boca. Ele, “Quem-diga”, não consegue separar o fora do dentro, *rascrava* o subterrâneo do seu autismo, ou seja, o faz de conta do contar está na boca como a língua que é copulante consigo mesma, embora precise de vulvas alheias para simular o ato, atravessando-as.

25

“Molhei mão em mel, regrei minha língua” (ROSA, 1994, p. 261). Logo, há de haver suavidade para sequenciar silêncio. Diadorim, o único, tinha, para Riobaldo, as mesmas aberturas que ele. Mas isso tem importância em lágrimas, pois regar O Língua é fazê-la ouvir-se, “produzindo o efeito de proximidade, de propriedade absoluta, o apagamento idealizante da diferença orgânica” (DERRIDA, 1991, p. 18), da qual a morte se apodera.

26

Contudo, a boca da língua se insinua muito para que haja regras que não sejam os seus movimentos. Os movimentos, “Quem-diga!” Uma língua de O Língua, a boca, cuja voz impõe a versão, a girar sobre os próprios passos, como a identidade da fala a se fazer possuída ou separada por haver o contar. Contam-se vícios e virtudes na língua, cortando-as com valores na ponta de faca da língua.

De certo modo, O Língua afirma a travessia da língua, dimensionando o oral na profundidade da fala. Uma maneira de voltar ao mundo do já passou, abandonando-o lá naquela temporalidade. A exibição da boca dá conta disso. Eis a língua que sabe que conta às coisas que “formaram passado [...] com mais pertença” (ROSA, 1994, p. 134).

Como tais, as coisas que “formaram passado [...] com mais pertença”, como lugar de passagem da língua, exhibe-se na boca como ela, por meio dela, nela e fora dela e continua:

O senhor sabe?: não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco carço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a idéia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. As vezes não é fácil. Fé que não é (ROSA, 1994, p. 242).

27

Agora, por haver a boca, tontos, por ouvir, cada um a escutar. Ei-la a dar com a língua nos dentes, a fazer vibrar os tímpanos. Acredito que ela chame as coisas e as empurre para dentro dos bu-

racos. Por meio de o muito falar, pouca memória há que permita recuperar o que a boca lançou. Há sempre, e apenas, algumas frases a ficar como registro; como se as palavras que ficam cumprissem a “natureza da gente (que) bebe de águas pretas, agarra gosma” (ROSA, 1994, p. 279).

A boca, portanto, é a coisa da travessia da língua, cujo regresso ao que fala é a evidência de que coisa alguma está terminada. Conta, portanto. Logo, corta, atravessa; o resto é nojo do humano – “o homem tem nojo do humano” (ROSA, 1994, p. 707) porque passa. Então, conte “Quem-diga”.

“Sombras dos buracos.” E isso, é o “que uma pessoa é, assim por detrás dos buracos dos ouvidos e dos olhos?” (ROSA, 1994, p. 505). Sombras da língua, na Língua, onde está dia e noite um diabo, que não dá movimento, tomando conta. Contar, tomar conta, dar conta, falar, arriscar, ou riscar, tempos em espaços abertos por um contato das palavras. A boca, a língua da história, urge o obscuro legado da travessia. Assim, segue o seu destino pelo nome antes do nome, em voz a ecoar sem-fim. Ele, Riobaldo, igual e oposto à língua, emergido pela força de desejar gente como meio do vai-e-vem das palavras.

28

Ele, Riobaldo ainda, *rascava* e recava os ouvidos, no conselho de ser para si mesmo em época de rede. É por isso que lança fúria de guerra, em longos olhares que se espalham como palavras de tra-

vessia. Sob pena de ver, reveste a língua para, então, chegar ao entanto da língua em centenas de páginas de travessias:

O senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco? O Urucuia é ázigo. Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei (ROSA, 1994, p. 856).

The short stories' language in Guimarães Rosa's Grande sertão: veredas

Abstract

This paper presents Guimarães Rosa's Grande Sertão: Veredas as journey in Portuguese Language. Here, this journey can also be seen as human experience that goes back to the idea that language of stories told by Riobaldo, for example, exists as summary of its species. This is also related to the story telling art. In this way, this paper acknowledges an independent way of being as a birth which also means the beginning of the Language as such.

Key words: Language. Narrative. Short story. Guimarães Rosa

Referências

- CAVELL, Stanley. *Un tono de filosofía*. Madrid: A. Machado Libros, 2002.
- _____. *Esta América Nova, ainda inabordable*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- DERRIDA, Jaques. *Margens da filosofia*. São Paulo: Papirus, 1991.
- ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.